



Estética e Educação Ambiental: primeiras reflexões sobre cenários e imagens no processo de alienação da natureza

Luciana Simões Rodrigues Nunes¹
Alexandre Maia do Bomfim²

Resumo: O presente artigo apresenta uma reflexão que problematiza riscos ambientais, o individualismo crescente e a relação entre a construção de subjetividades e a estética hegemônica, de objetificação da natureza. Levantamos a importância em desenvolver a sensibilidade dos indivíduos, propondo uma estética crítica, voltada para a contemplação da realidade, contrapondo-se aos valores construídos pela sociedade de mercado. Os resultados da pesquisa correspondem primeiramente às concepções prévias dos alunos sobre meio ambiente e arte, bem como sua identificação com o meio. Apresentamos também, manifestações da interiorização de imagens associadas ao consumo, em contrapartida com figuras associadas a elementos naturais. Alcançamos aqui que existe um processo de alienação da natureza, evidenciado na estética que está em disputa e sob a qual se faz (e também se disputa) a Educação Ambiental.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Estética e Meio ambiente. Estética Crítica. Ambientes Urbanos. Educação Ambiental Crítica.

Estética y Educación Ambiental: primeras reflexiones sobre escenarios e imágenes en el proceso de alienación de la naturaleza

Resumen: El presente artículo presenta una reflexión que problematiza riesgos ambientales, el individualismo creciente y la relación entre la construcción de subjetividades y la estética hegemónica, de objetivación de la naturaleza. Levantamos la importancia en desarrollar la sensibilidad de los individuos, proponiendo una estética crítica, volcada hacia la contemplación de la realidad, contraponiéndose a los valores construidos por la sociedad de mercado. Los resultados de la investigación corresponden principalmente a las concepciones previas de los alumnos sobre medio ambiente y arte, así como su identificación con el medio. También presentamos

¹ Possui graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2009). Atualmente está cursando Mestrado Profissional em Ensino de Ciências no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. E-mail: lucianasrnunes@hotmail.com

² Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (1996), mestrado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (2001) e doutorado em Ciências Humanas-Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2007). Atualmente é Professor Associado I em Sociologia da Educação do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ. E-mail: alexandre.bomfim@ifrj.edu.br

manifestaciones de la interiorización de imágenes asociadas al consumo, en contrapartida con figuras asociadas a elementos naturales. Alcanzamos aquí que existe un proceso de alienación de la naturaleza, evidenciado en la estética que está en disputa y bajo la cual se hace (y también se disputa) la Educación Ambiental.

Palabras clave: Educación Ambiental. Estética y Medio Ambiente. Estética Crítica. Entornos Urbanos. Educación Ambiental Crítica.

Aesthetics and Environmental Education: first reflections on scenarios and images in the process of alienation of nature

Abstract: The present article presents a reflection that problematizes environmental risks, the increasing individualism and the relation between the construction of subjectivities and the hegemonic aesthetics, of objectification of nature. We raise the importance of developing the sensitivity of individuals, proposing a critical aesthetics, aimed at the contemplation of reality, in opposition to the values constructed by the market society. The results of the research correspond primarily to students' previous conceptions about environment and art, as well as their identification with the environment. We also present manifestations of the interiorization of images associated with consumption, in counterpart with figures associated with natural elements. We find here that there is a process of alienation of nature, evidenced in the aesthetics that is in dispute and under which the Environmental Education is made (and also contested).

Key words: Environmental Education. Aesthetics and Environment. Critical Aesthetics. Urban Environments. Critical Environmental Education.

Se podes olhar, vê, se podes ver, repara.
José Saramago

Introdução

O presente artigo é parte de uma pesquisa maior, que buscou a relação entre sensibilidade e criticidade, visando uma práxis³ voltada para uma Educação Ambiental Crítica (EA-Crítica). Sob uma perspectiva crítica, optamos por abordar a questão estética juntamente com a ambiental, pois consideramos que o processo histórico de afastamento entre ser humano e ambiente contribui para os processos de degradação. A estética estabelecida reforça essa separação através da valorização de aspectos artificiais acima dos naturais e promove um distanciamento da possibilidade de uma relação harmônica com o meio, fundamentada em menor impacto.

Layrargues (2000) levanta um questionamento a respeito da aparente ineficácia da Educação Ambiental (EA), pois as ações que impactam ao ambiente vêm aumentando. O autor afirma que isso se deve a sua fragilidade metodológica, visto a dificuldade em tratar dos aspectos cognitivos e afetivos, e ainda de promover a contextualização da temática ambiental com aspectos locais. Assim, trazemos aqui uma breve reflexão a respeito das

³ Fazemos aqui, referência ao conceito de práxis aprofundado por Paulo Freire, que pressupõe a capacidade do sujeito atuar e refletir para transformar a realidade.

possibilidades e limitações da EA, bem como a importância e as dificuldades em assumir um caminho contra-hegemônico em educação e estética.

A escolha do local para o desenvolvimento da pesquisa se deu pela observação e reflexão sobre a realidade de uma escola estadual localizada em Queimados, município que integra a Baixada Fluminense (RJ) e que está localizado a aproximadamente 50 km da capital. É um local que já havia sofrido com ações degradantes de atividades agrícolas extensivas até o século XIX, mas foi o histórico da urbanização que acabou por dar forma às características do município (SIMÕES, 2006). A linha férrea que liga a Baixada Fluminense à Central do Brasil possibilita aos trabalhadores um fluxo relativamente rápido (ainda que pouco confortável) entre ambiente de trabalho e moradia, abarcando parte da população atingida pela especulação imobiliária no Rio de Janeiro.

A percepção a respeito de atitudes irrefletidas entre as pessoas que vivem e compartilham do mesmo ambiente escolar e a interlocução com novos estudos provocou uma inquietação a respeito das influências do ambiente nas ações negativas dos estudantes com relação ao meio ambiente e à sociedade. Neste artigo, buscamos compreender e evidenciar o processo de alienação da natureza e a construção de subjetividades em estudantes do ensino regular, contextualizando com a estética urbana que lhes é apresentada.

Educação Ambiental: buscando um caminho crítico

A EA nasceu em decorrência dos movimentos ambientalistas do final da década de 60, com a crescente preocupação global com o meio ambiente, que vinha sofrendo agressões contínuas desde a Revolução Industrial. Leff (2007) chama a atenção para a história de subjugação da natureza como uma ação silenciosa, irrefletida pelos modelos regulados pelo desenvolvimento, justificando a exploração da natureza em nome do progresso e do poder. Segundo Barchi (2009), inicialmente os movimentos ecologistas se pautavam na crítica às estruturas dominantes e na provocação aos modelos e costumes da sociedade global de forma a possibilitar a continuidade da vida na Terra. Porém, o ambientalismo como preocupação social, cultural, política e econômica foi rapidamente apropriado pelo discurso capitalista e pelo Estado. Passou a caracterizar um modelo de vida orientado pelo bom senso, que não mais carrega um “pensamento ecológico radical e libertário” (BARCHI, 2009, p. 11) que caracterizou o primórdio do movimento.

A EA, seguindo o curso tomado pelos movimentos ambientalistas, tem muitas vezes assumido um caráter conservador. Suas práticas acabam direcionadas apenas para a

compreensão das relações ecológicas em ambientes naturais e/ou para ações voltadas para a remediação de problemas, não para suas causas (EA conservacionista e comportamentalista, respectivamente). E esses modelos em nada questionam o sistema político-econômico vigente. Essa educação ambiental conservadora, leva a uma prática pedagógica pautada na mudança comportamental e presume que o conhecimento retido e a transformação do indivíduo sejam os objetivos da ação educativa (GUIMARÃES, 2004). Essa educação ambiental conservadora tende a priorizar:

(...) o aspecto cognitivo do processo pedagógico, acreditando que transmitindo o conhecimento correto fará com que o indivíduo compreenda a problemática ambiental e que isso vá transformar seu comportamento e a sociedade; o racionalismo sobre a emoção; sobrepôr a teoria à prática; o conhecimento desvinculado da realidade; a disciplinaridade frente à transversalidade; o individualismo diante da coletividade; o local descontextualizado do global; a dimensão tecnicista frente à política; entre outros (GUIMARÃES, 2004, p. 27).

Em contraponto, a EA politizada, que se denomina crítica, questiona o consumismo, assinala os responsáveis pela degradação ambiental, evidencia que unicamente a consciência da crise ambiental não a diminui, atenta para o fato de que os pobres sofrem mais prejuízos decorrentes da degradação ambiental e demonstra que a escassez dos recursos naturais não ameaça o atual sistema capitalista (podendo inclusive ser lucrativa), embora ameace imediatamente os seres humanos (BOMFIM e PICCOLO, 2011).

Dessa forma, na busca de uma prática voltada para uma Educação Ambiental Crítica, devemos considerar a origem da ruptura histórica entre ser humano e natureza e evidenciar integralmente o modo de produção capitalista, da exploração excessiva dos recursos naturais à criação de falsas necessidades. Barchi (2009) levanta um questionamento sobre como reinventar novas maneiras de ser, que se desloque dos atuais sistemas de valor, visto que a relação produção/consumo contribui muito à destruição do meio ambiente e das relações humanas. Portanto, torna-se indispensável para uma EA-Crítica, buscar práticas educativas que rompam com os valores da sociedade de consumo e evidenciem elementos que nos distanciam da realidade.

As exterioridades que permeiam os nossos sentidos estão arraigadas ao artificialismo, onde o conforto e a urbanização são confundidos com higienização e mecanização, fortalecendo a afastamento entre o cidadão e o meio, e aumentando a distância em busca de uma nova urbanidade, pautada em uma integridade socioambiental.

Com isso, encontramos na abordagem da experiência estética a qual a população é exposta hoje, uma possibilidade de trabalhar a EA em seus aspectos mais subjetivos, nos posicionando de forma contrária à lógica de progresso atual.

Estética: uma nova fronteira de disputa para uma Educação Ambiental Crítica

A propagação de um discurso que reforça a ideia de dissociação entre natureza-sociedade é alienante e faz com que os indivíduos não se sintam integrados ao meio ambiente, levando a uma concepção de que é característico às cidades a falta de equilíbrio entre aspectos naturais e urbanos, a exterioridade muitas vezes inóspita nesses locais e as relações superficiais de seus habitantes entre si e com o ambiente.

Santos (1992), ao citar a influência da mídia e sua condução doutrinadora e falsa do discurso com o objetivo de obscurecer o entendimento, ressalta que com os discursos voltados para o meio ambiente não é diferente, pois o conjunto discursivo é ‘mutilado’, enfatizando certos aspectos em detrimentos de outros. Milton Santos exprime seu pensamento quanto à visão pouco integrada de natureza-sociedade e afirma que:

Quando o *meio ambiente*, como Natureza-espetáculo, substitui a Natureza histórica, lugar de trabalho de todos os homens, e quando a Natureza *cibernética* ou *sintética* substitui a Natureza analítica do passado, o processo de ocultação do significado da história atinge o seu auge. É, também, desse modo, que se estabelece uma dolorosa confusão entre sistemas técnicos, Natureza, sociedade, cultura e moral (SANTOS, 1992, p. 102).

Apesar da forma como a população é exposta a riscos ambientais, muitas das questões associadas aos conflitos socioambientais passam apenas por um olhar superficial dos indivíduos, já endurecidos pela rotina, horários rígidos e violência. E esses conflitos são ainda mais evidentes em ambientes urbanos e periféricos. Marin (2012, p. 112) afirma que mesmo habitantes que apresentam em seus discursos, indicações de consciência ambiental, não manifestam uma atitude ativa frente às questões locais e pontua três justificativas centrais para essa passividade: o crescente individualismo que afeta o sentido da coletividade; a mudança brusca de paisagem nesses locais, significando “a perda de elementos topofílicos e identitários”⁴ entre população e ambiente e, por fim, as vivências concretas dando lugar às hiper-realidades, resultado de imagens que constroem significados e obedecem ao conceito estético dominado pela mídia. A partir dessa afirmação de Marin, complementamos com a reflexão de Milton Santos, que diz:

4 Elementos que correspondem ao elo afetivo e identificação das pessoas com o ambiente físico.

Dentro do atual sistema da Natureza, o homem se afasta em definitivo da possibilidade de relações totalizantes com o seu próprio quinhão do território. [...] O que parece estar ao alcance de minhas mãos é concreto, mas não para mim. O que me cabe são apenas partes desconexas do todo, fatias opulentas ou migalhas. Como me identifico, assim, com o meu entorno? Sem dúvida, pode-se imaginar o indivíduo como um ser no mundo, mas pode-se pensar que há um homem total em um mundo global? (SANTOS, 1992, p. 98)

Carvalho (2008) alega que o redirecionamento econômico do país, com a priorização da industrialização e urbanização, gerou uma série de impactos, como a falta de infraestrutura, periferização, desemprego e, como consequência para as relações interpessoais, um aumento da competição e individualismo. Para Guattari (1990), a história que atravessamos hoje é aterradora, onde não somente espécies desaparecem, mas também as palavras, as frases e os gestos de solidariedade humana. E é sob esses aspectos globais que “a vida se fragmenta, se atomiza e escapa ao indivíduo de tal forma que o tempo poupado pelo avanço tecnológico é praticamente comprometido com situações de rotinas vazias, práticas individualistas e ampliação do consumo” (CARVALHO, 2008, p. 83).

Em parte, a rapidez e intensidade com que a paisagem se modifica em ambientes urbanos buscando atender aos ideais desenvolvimentistas, aumenta a distância entre habitante/ambiente, que não mais possui e cultiva uma relação histórica de identificação com o meio. Para Carvalho (2008), a vida nas cidades é acompanhada de uma série de condições que, de forma muitas vezes imperceptível, definem um estilo de vida único, onde o cidadão se sujeita a morar em espaços restritos, enfrenta todo tipo de adversidade ambiental, vive sobre “regras” urbanas e competição excessiva, cria estratégias para sobreviver à violência urbana, entre outras adaptações que precisa aprender e depois tolerar, o que nem sempre favorece a natureza ou o próprio cidadão.

A violência nas cidades colocou uma estética em curso que impacta na paisagem urbana através da modificação do espaço, com o objetivo de oferecer “segurança” à população. Essa modificação se dá através de grades, muros cada vez mais altos, cercas e mais uma série de artefatos que compõem hoje o cenário urbano. Essa estética também é de grande responsabilidade para o afastamento dos cidadãos com o ambiente, pois os indivíduos perdem o sentimento de pertencimento às ruas, consideradas agora ambientes hostis, que apresentam riscos, e não mais locais de socialização, extensão da comunidade, o que acaba por levar a uma limitação nas relações humanas e com o meio.

Santos (1992) reflete sobre a história do ser humano na Terra como sendo uma história progressiva de ruptura com o ambiente e ressalta que esse processo acelera quando

se inicia a tentativa de dominação do entorno através da tecnologia, da mecanização. Afirma ainda, ao discorrer sobre a atual concepção de natureza, que com o natural dando espaço ao ‘artefato’ e à ‘natureza instrumentalizada’, ‘domesticada’, essa natureza passa a nos ser apresentada de forma ‘sobrenatural’. Com isso, passa a ser lançada a ideia que existe a natureza e existe a sociedade, mas que ambos não podem coexistir. Dessa forma, inferimos que “os problemas ambientais têm raízes histórico-políticas, e para superá-los precisamos transformar as relações sociais” (TOZONI-REIS, 2004, p. 10). Assim, uma EA-Crítica em ambientes urbanos deve buscar uma resistência à competitividade, evidenciar a necessidade da convivência, da alteridade e de participação popular nas decisões referentes aos espaços comuns, assim como:

Afetar, no sentido de sensibilizar, o(a)s cidadão(a)s para a importância do local onde vivem, sua história, suas riquezas, seus contrastes e transformações contínuas [...]. Pretende-se nos mesmos uma toponímia natural que se concretiza no respeito ao ambiente urbano e na vontade de torná-la cada dia melhor, priorizando o bem-estar dos elementos bióticos que constituem a cidade em toda sua plenitude (CARVALHO, 2008, p. 24).

A forma como ocorre a estruturação dos territórios urbanos se dá em grande parte de forma oposta ao que se preconiza na EA-Crítica aqui defendida. Morais (2013) discorre sobre a modificação da paisagem urbana em decorrência da expansão das relações capitalistas, principalmente em regiões localizadas no entorno de metrópoles, com processos de “revitalização” ocorrendo para abarcar excedentes desvalorizados e a industrialização levando a uma transformação urbana que acaba por moldar uma paisagem volátil e suscetível a mudanças, o que dificulta o estabelecimento de elos afetivos com o local pelos habitantes. A partir desse mesmo movimento, sobressai uma estética concretizada e disseminada hoje, principalmente sobre os jovens, que impõe a excessiva modificação da natureza pelo homem como um ideal mais atraente do que uma relação do homem com a natureza baseada em menor impacto. Dessa forma, devemos estabelecer um paralelo entre educação ambiental e a construção de uma estética crítica, que irá se opor a estética hegemônica, pautada no artificialismo e alienação.

Em ambientes urbanos, o contato quase que diário com a degradação ambiental, assim como o afastamento progressivo do convívio social acabam minando certa sensibilidade da população, que aos poucos vai perdendo a capacidade de apreciar a beleza nos detalhes diários e de sentir empatia, em relação a outros ambientes menos modificados pelo humano. Bookchin, no manifesto ecológico adotado pelo movimento intitulado de

anarquia verde, provoca uma reflexão sobre a impossibilidade de alcançar um ambiente equilibrado ecologicamente onde a sociedade em si e seus valores também se encontram em degradação.

A competição entre os seres humanos, como mercadorias, torna-se um fim em si, em conjunto com a produção de artigos totalmente inúteis. A qualidade transformou-se em quantidade, a cultura individual em cultura de massas, a comunicação pessoal em comunicação de massas (BOOKCHIN, s/d).

A estética que dissemina a individualidade e a competição, que ilude e uniformiza se faz cada vez mais presente e, para Duarte Junior (2000, p. 21), “a produção industrial de ideais intangíveis ajudam na deseducação sensível, afastando os indivíduos do contato crítico com a verdade das ruas e de si mesmos”. Desta forma, devemos refletir sobre a estética que tem sido construída em nossa sociedade, de que forma afeta as relações humanas e também a forma como enxergamos a natureza. Em uma sociedade de consumo, os signos e as imagens que permeiam diariamente nossas visões são em esmagadora maioria voltadas para a publicidade. São imagens prontas, de mensagem rápida que, para Berger (1999), por um instante estimulam a memória ou a expectativa. Esse estímulo é uma fábrica de desejos ilusórios que levam a indivíduos sempre insatisfeitos, que sentem a necessidade de atingir um padrão que foi estabelecido por eles mesmos, mas designado pela estética dominante.

Por uma EA crítica e sensível: traçando o nosso percurso metodológico

Após a montagem institucional e metodológica da pesquisa, correspondendo ao processo de seleção do grupo participante, à comunicação do procedimento à instituição de ensino e a elaboração e organização das atividades iniciais a serem desenvolvidas, partimos para os estudos e análises do local e do grupo envolvido. Compartilhamos neste artigo a aplicação dos questionários, que buscaram analisar a sensibilidade dos estudantes frente ao ambiente em que vivem, comparando com a capacidade de reconhecimento de signos correspondentes à estética que lhes é apresentada. As atividades realizadas com os alunos e os resultados eram constantemente debatidos com as turmas.

A pesquisa foi realizada no Colégio Estadual Prefeito Luiz Guimarães, localizado no município de Queimados, Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. A Baixada Fluminense é uma região que atravessa descaso socioambiental histórico, onde grande parte da população carece de recursos básicos e tem convivido com um constante cenário de violência.

As atividades foram realizadas com duas turmas de terceiro ano do ensino médio, do terceiro turno (noite) e compostas por um grupo relativamente homogêneo quanto à idade e moradia. Possuem faixa etária de 17 a 24 anos e residem no município de Queimados, em bairros diversificados.

Utilizamos dois instrumentos de coleta de dados: questionário e observação. Foram dois os questionários aplicados, sendo um semiaberto e um aberto. Os questionários tiveram como objetivo principal, o registro das concepções prévias dos estudantes sobre meio ambiente e arte e a capacidade de reconhecimento de signos. É válido ressaltar que os questionários aplicados permitem uma melhor compreensão dos sentidos dos estudantes quanto às questões ambientais e sociais locais. A observação permeou todas as aulas e teve como objetivo captar relatos e interações com os participantes, de modo a complementar as informações indicadas nos questionários.

A arte de sentir: o que nos dizem os alunos sobre suas relações com a paisagem

Aqui, apresentamos a análise dos dados referentes aos questionários aplicados com os alunos. Dessa forma, buscamos analisar a sensibilidade dos estudantes frente ao ambiente em que vivem, fazendo relação com a aptidão para a identificação de imagens relativamente comuns a ambientes urbanos. Levamos em consideração todos os elementos associados à realidade dos estudantes quanto às questões locais gerais e específicas ao âmbito escolar.

Os dados a seguir foram obtidos a partir de um questionário semiaberto, com o objetivo de captar aspectos relacionados ao uso do tempo livre pelos alunos, uso de aparelhos eletrônicos, interesse por arte e relacionamento com o ambiente. As respostas foram organizadas em gráficos de forma a levantar algumas características do grupo e posteriormente comparar com os resultados seguintes. Questionários com questões em branco foram desconsiderados, assim como questões com respostas sem sentido. Respostas semelhantes foram agrupadas.

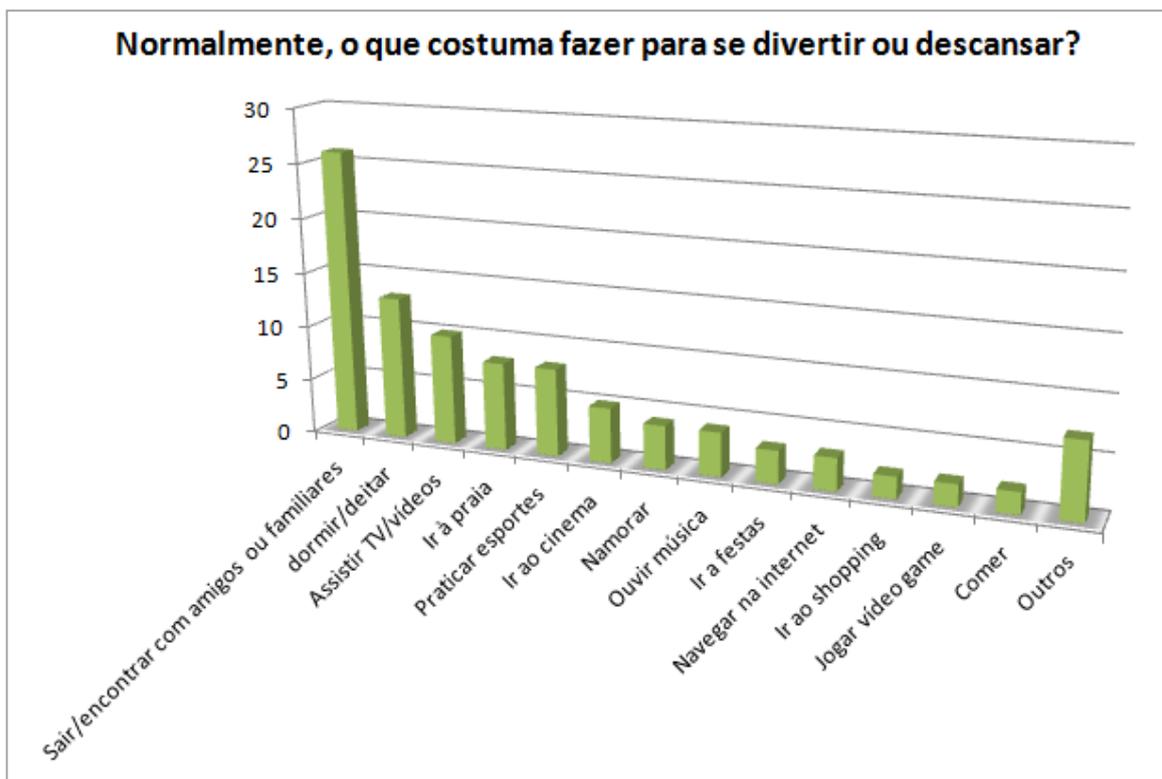


Gráfico 1- A utilização do tempo livre pelos estudantes.

A primeira questão buscou elucidar a forma como os estudantes utilizam seu tempo livre. O gráfico 1 organiza essas respostas, sendo que algumas respostas semelhantes foram agrupadas, como práticas de esportes e jogar bola, ressaltando que o futebol aparece com mais frequência que a prática de outros esportes. Sair/ficar com amigos e família também foram agrupados, assim como ver vídeos e ver TV e, dormir e ficar deitado. Respostas que tiveram apenas uma incidência foram incorporadas em “outros”, e correspondem a: estudar, cantar, desenhar, fazer unha, fazer compras, ir ao parque e ficar no celular, contabilizando 7 respostas. O item denominado “fazer compras” foi na verdade citado como “gastar”.

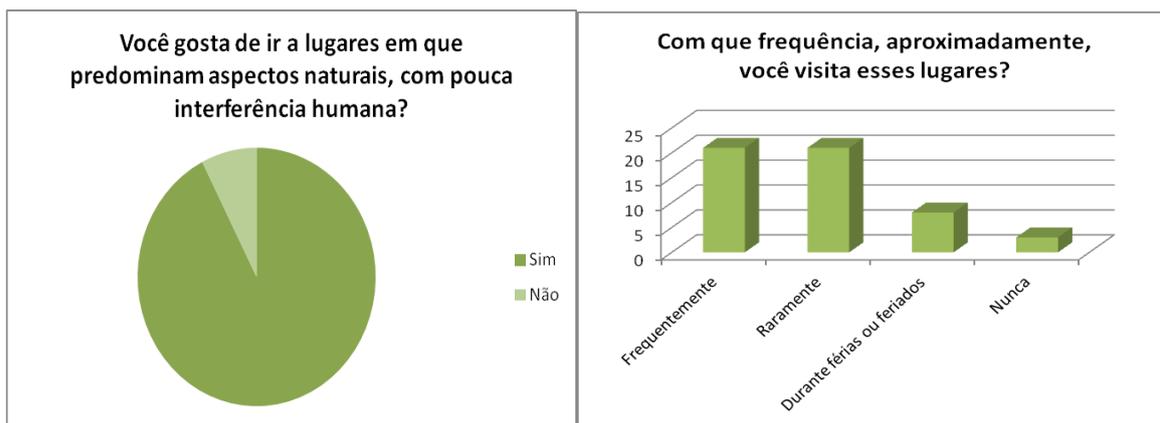


Gráfico 2 - Interesse em frequentar ambientes com pouca interferência humana.

Gráfico 3 - Frequência com que os alunos visitam ambientes com pouca interferência humana.

O gráfico 2 apresenta o interesse por parte dos envolvidos em frequentar lugares onde predominam aspectos naturais, com pouca interferência humana e, 49 das 53 respostas foram positivas. Ao serem questionados sobre a frequência com que visitam esses lugares, a proporção de respostas para frequentemente e raramente foi a mesma. Apenas uma aluna respondeu não gostar de frequentar esses locais, apesar de frequentar muitas vezes, provavelmente por influência familiar. O gráfico 3 demonstra a frequência de respostas e, comparando com o gráfico anteriormente citado (Gráfico 2), podemos observar que é um grupo, em sua maioria, que aprecia espaços “naturais”⁵, apesar de enfrentarem dificuldades para visitar esses ambientes, seja por questões financeiras ou de tempo livre para tal.

Durante o momento do debate, os estudantes foram questionados a respeito de uma cachoeira muito frequentada em Queimados (Rio D’Ouro) e se não era de fácil acesso. Os alunos responderam que parte do local era muito suja (parte baixa), e que a região mais preservada (conhecida como Colônia) estava muito perigosa, com assaltos constantes a veículos e por isso preferiam não frequentar. Dessa forma, conseguimos fazer um debate em torno da influência dos aspectos sociais para a questão ambiental, pois apesar do local citado ser considerado preservado por predominarem aspectos naturais, a interferência humana se dá através do processo de criminalidade, prejudicando o usufruto do local pela população.

⁵ Consideramos necessário esclarecer nossa contradição ao denominarmos de “naturais”, os ambientes onde o ser humano (que também é natural) interfere menos. Assim, ao fazermos referência a esse termo, estamos acenando aos ambientes esteticamente menos impactados.

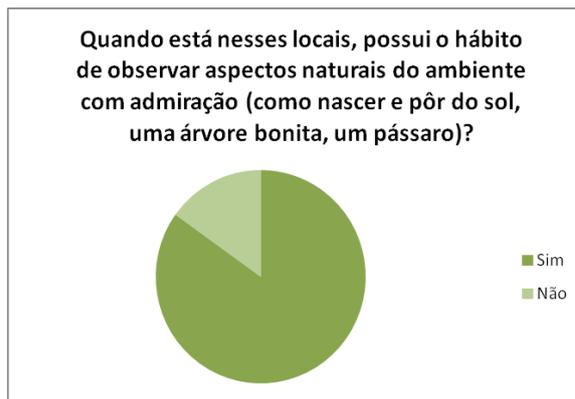


Gráfico 4 - Leitura e sensibilidade frente a aspectos naturais.

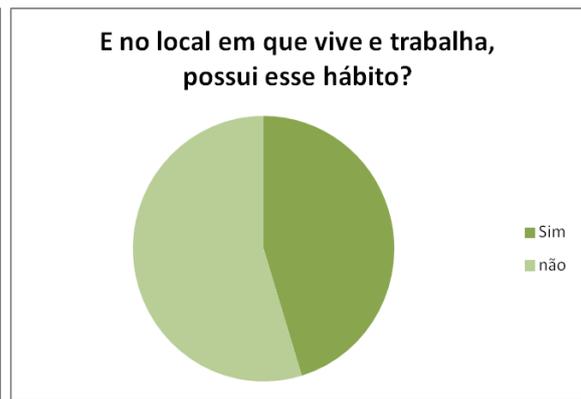


Gráfico 5 - Leitura e sensibilidade frente a rotina.

Acima, nos gráficos 4 e 5, podemos perceber como o indivíduo pode diferenciar a forma de olhar o ambiente, seja por características físicas do local ou a que sua presença se propõe. Quando em ambientes naturais, é mais comum momentos de apreciação e contemplação por parte dos indivíduos, dos 53 alunos, 45 responderam de forma positiva. Quando questionados se em ambientes que frequentam diariamente os alunos possuem esse hábito, as respostas foram bem divididas, com a diferença de apenas cinco alunos para que as respostas positivas se iguallassem às negativas.

Contrapondo esses dados com um dado referente à observação, apresento um relato que pode nos dar mais informações sobre esse hábito, nos fazendo acreditar que em ambientes urbanos e degradados, onde a rotina está impregnada, momentos de contemplação se tornam mais raros. Em um dos últimos dias do ano letivo, o grupo foi transferido de sala devido a um problema na parte elétrica da sala habitual da turma, o que acabou por nos levar a assistir um belíssimo pôr do sol do segundo andar da escola. Os alunos não tinham se dado conta até que foram chamados a observar o fenômeno. Alguns acharam graça do comentário, mas boa parte se fez em silêncio para apreciar por uns momentos o tom profundo de laranja que dominou o céu de Queimados naquele dia. Esse relato pode demonstrar o quanto os indivíduos podem apresentar dificuldades em encontrar o belo em suas rotinas diárias e, o silêncio, um indicativo da surpresa em presenciar um momento de beleza natural de um ambiente considerado pelos mesmos como “feio e sujo”.



Gráfico 6 - Interesse dos alunos por artes.

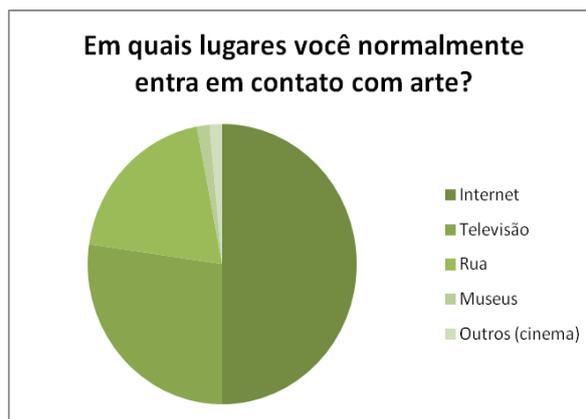


Gráfico 7 - Locais onde costumam entrar em contato com artes.

Os gráficos 6 e 7 buscaram a relação dos estudantes com atividades artísticas. Com o gráfico 6, visamos demonstrar o interesse dos alunos por artes, onde das 48 respostas, 27 apresentaram afirmativa positiva, 4 se posicionaram de forma negativa e 17 alunos afirmaram não possuir contato com artes e por isso não estabeleceram uma opinião quanto a isso. Já o gráfico 7 buscou levantar locais onde os envolvidos acabam por entrar em contato com manifestações artísticas. Sete alunos assinalaram não possuir contato com artes, porém, devido às respectivas respostas, acreditamos que associaram o contato com artes a locais formais para esse fim, visto que responderam internet, TV e rua. A internet foi o meio que recebeu o maior número de respostas, seguida pela televisão e pela rua. Apenas uma aluna assinalou outros, onde demarcou cinema. Por isso a substituição de outros por cinema no gráfico. Museus e cinema receberam apenas uma resposta cada um.

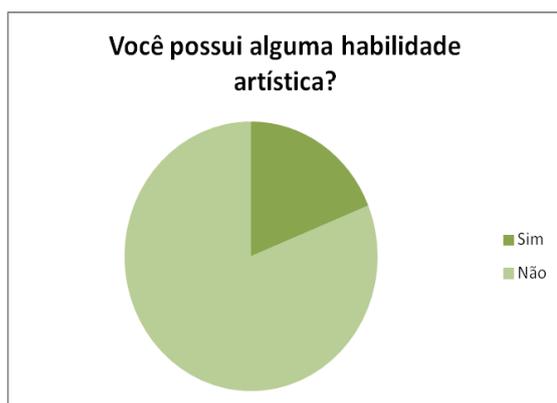


Gráfico 8 - Alunos que apresentam alguma habilidade artística.

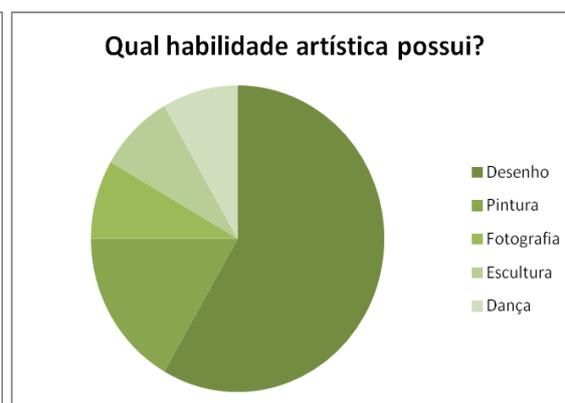


Gráfico 9 - Manifestações artísticas praticadas pelos alunos.

Ao serem questionados se possuíam habilidades artísticas, de 53, apenas dez alunos apresentaram resposta positiva (Gráfico 8) e quando questionados sobre quais habilidades artísticas possuíam, alguns alunos citaram duas ou mais habilidades, que foram

enumeradas de acordo com o número de vezes que foram citadas, contabilizando 12 (Gráfico 9).



Gráfico 10 - Proporção de alunos que possuem celular com câmera e internet.

Gráfico 11 - Tempo diário aproximado que os alunos passam no celular.

Acima, os gráficos 10 e 11 projetaram relacionar a utilização excessiva dos aparelhos celulares como agravante para a possível alienação do meio físico. A 10ª questão buscou levantar a proporção de alunos que possuíam celular com câmera. Conforme esperado, a maioria respondeu de forma positiva, contabilizando 50 respostas positivas de um total de 53 (Gráfico 10). Já a última questão, demonstrada no gráfico 11, buscou elucidar o tempo aproximado em que os alunos passam no celular. Respostas como “praticamente o dia todo”, “todo o tempo”, “muito tempo”, foram enquadradas em mais de dez horas diárias. Uma aluna chegou a afirmar que antes ficava quase o dia todo no celular, reduzindo esse tempo após começar a trabalhar. É válido ressaltar que na primeira questão, em que deveriam responder o que os diverte (Gráfico 1), quase não houve referência ao celular, porém quando questionados sobre o tempo que passam utilizando o aparelho, a maioria apresentou inclusive respostas exageradas, como 24 horas. De fato, os jovens passam muito tempo no celular, visto que das 51 respostas analisadas, 25 assinalaram passar mais de dez horas diárias no celular.

A partir desse primeiro questionário, elencamos três aspectos como ponto de partida para nosso desenho metodológico: “personalidade”, “sensibilidade com o meio” e “uso de eletrônicos”.

Com o segundo questionário, buscamos a capacidade de reconhecimento de imagens pelos alunos. Desse modo, procuramos um paralelo entre a forma como a própria personalidade pode ser afetada por relações midiáticas de consumo e a relação dos indivíduos com o meio em que vivem.

Foram expostas oito imagens para que os alunos fizessem a identificação. Dessas imagens, quatro correspondiam a símbolos de marcas de roupas e acessórios (Reserva, Nike, Lacoste e Puma) e quatro imagens de elementos naturais relativamente comuns em ambientes urbanos no Rio de Janeiro (bem-te-vi, pitangueira, cutia e laranjeira).

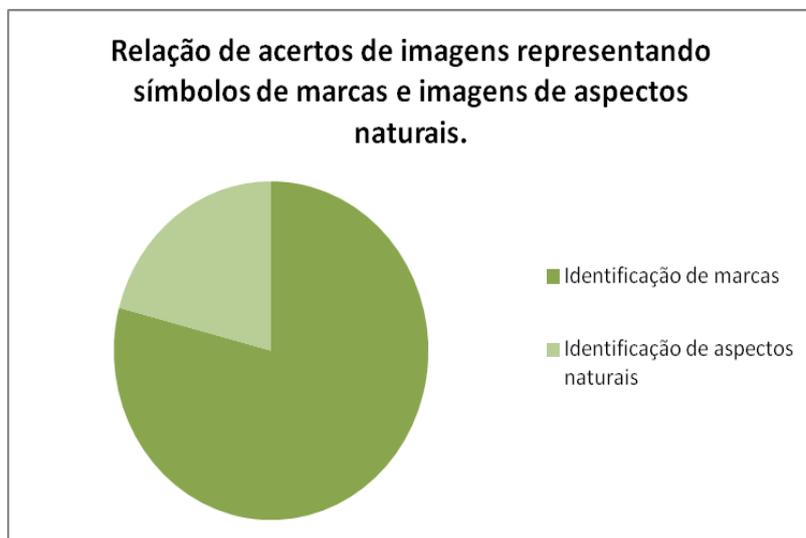


Gráfico 12 - Capacidade de reconhecimento de imagens pelos alunos.

Das 600 respostas analisadas, houve um total de 244 acertos, sendo 193 acertos para os símbolos de marcas e 51 para as imagens de elementos naturais (Gráfico 12). Como as imagens estavam em preto e branco, consideramos válida a resposta limoeiro na alternativa da laranjeira, visto a semelhança entre as árvores. Muitos alunos, apesar do erro na identificação dos nomes de marcas, identificaram que a representação estava associada a símbolos ligados a roupas e acessórios, mas optamos por não acrescentar estas respostas relativas ao gráfico.

Um aspecto intrigante referente à imagem do bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*), ave ainda frequente em ambientes urbanos, foi a incidência de 13 respostas denominando a ave como trinca-ferro (*Saltator maximus*), ave que também possui uma faixa superciliar. O trinca-ferro é visto com uma frequência muito inferior a do bem-te-vi em ambientes urbanos, porém é um pássaro muito apreciado por passarinhos devido ao seu canto característico. Esse índice de respostas pode representar uma persistência dessa cultura na região, sendo uma prática que, ainda que ilegal, ainda é frequente e movimenta um comércio extremamente lucrativo.

Esse segundo questionário objetivou demonstrar o processo de alienação da natureza por parte, principalmente, dos jovens. Porém, mais do que isso, procurou demonstrar que a eles são impostas outras imagens, outros elementos para se reconhecer,

por meio do cenário que define a estética hegemônica. Essa é a estética que afirmamos estar em disputa, uma estética que disputa corações e mentes, e sob a qual se faz a EA.

Considerações finais

A partir dessa pesquisa, buscamos elencar aspectos que nos conduziram a uma melhor compreensão da personalidade, sensibilidade com o meio e uso de eletrônicos pelos estudantes, assim como analisar a capacidade de reconhecimento de imagens pelos alunos. Ponderando os resultados de forma conjunta, e buscando uma relação entre eles (não necessariamente em sequência) conseguimos evidenciar que existe um processo crescente de alienação da natureza, ao qual podemos atribuir a uma série de fatores, como a diminuição de elementos naturais em ambientes urbanos, a redução de períodos ao ar livre e a extensa utilização de aparelhos eletrônicos. Nesse caminho, a capacidade de observação e interesse por elementos naturais diminui, assim como aumenta o reconhecimento de signos associados ao consumo.

A frequência com que os alunos utilizam seu tempo livre com eletrônicos e com atividades associadas ao consumo é elevada e, mesmo atividades que não estejam diretamente associadas ao consumo, como apreciar momentos com amigos e familiares, são muitas vezes praticadas em ambientes que possuem esse fim, como shoppings. Em vista da crescente criminalidade no município em que se estabeleceu a pesquisa, inclusive em um dos cenários naturais mais significativos do local, podemos conferir que os momentos de convívio foram deslocados para esses locais devido a uma busca por maior sensação de segurança. Ainda que durante esses momentos não se estabeleça uma relação de compra, os envolvidos ficam expostos a imagens e mensagens voltadas para o estímulo dessa prática e que obedecem à lógica estética da sociedade de mercado. A apreciação por ambientes onde predominam aspectos naturais ainda existe, mas existe também uma dificuldade em frequentar esses locais, seja pela distância que precisa ser percorrida, pelo investimento que precisa ser feito ou pela insegurança que a localidade proporciona.

Conseguimos também traçar um paralelo entre o processo alienatório da natureza e o quanto os sentidos dos jovens se encontram conduzidos. O pouco interesse que apresentaram por artes é seguido pela dificuldade em contemplar a beleza dos aspectos naturais em ambientes urbanos, assim como estabelecer uma crítica concreta a respeito das condições do ambiente em que vivem. A partir desses dados, onde buscamos compreender melhor os envolvidos na pesquisa, preparamos o terreno para uma prática que utiliza a arte como suporte para proporcionar uma experiência estética de caráter crítico e buscar as

contribuições que a EA-Crítica associada à arte participativa pode trazer para a relação dos alunos entre si e com o ambiente.

Avaliando as atividades desenvolvidas e os dados analisados até o momento, consideramos fundamental levar os alunos a uma observação crítica de seu ambiente sob uma perspectiva social e histórica, deslocando conteúdos que normalmente são abordados de forma generalista e descontextualizada, para a realidade dos educandos. Sabemos que a educação escolar por si só é insuficiente para que possamos atingir mudanças radicais efetivas nos parâmetros das discussões levantadas ao longo deste artigo, assim como é evidente que os educadores não possuem a autoridade de transformar a realidade do país, porém podem demonstrar que essa transformação é possível (FREIRE, 1996). Contudo, tendo em vista a força da manipulação ideológica pela mídia, produtora de subjetividades que promovem a manutenção do sistema hegemônico, deixamos esclarecido aqui que não é uma tarefa fácil desconstruir conceitos que constituem a base da sociedade atual. Ainda assim, evidenciar as contradições da nossa sociedade e sua influência nas relações com o meio, ao menos orienta o olhar do indivíduo para perceber as tentativas de encobrir as reais causas da desigualdade e da degradação ambiental, bem como as relações entre elas.

Existe em nossa sociedade uma disputa estética, onde estéticas se antagonizam e tentam influenciar a sociedade, porém a estética preeminente tem sua base amparada no consumismo e, através de símbolos, imagens e discursos, fortalecem uma relação com o ambiente alienada, onde o artificialismo prevalece e a natureza acaba por se tornar mais um desejo de aquisição para o lazer e artifício para uma fuga da rotina. Dessa forma, essa estética reforça a separação entre o ser humano e o ambiente e afasta a possibilidade de uma religação com o meio, fundamental para a superação dos problemas socioambientais. Aqui, evidenciamos a importância de uma experiência estética fora dos parâmetros mercadológicos, onde os indivíduos tenham uma perspectiva que permita a fundação de novos valores e que determine novas escolhas, pautadas nas reais necessidades da sociedade.

Referências

BARCHI, Rodrigo. Contribuições "inversas", "perversas" e menores às educações ambientais. Instituto Politécnico de Santarém, Escola Superior de Educação. **Revista Interacções**, nº11, p.174-192, 2009.

BERGER, John. **Modos de ver**. Tradução de Lúcia Olinto. – Rio de Janeiro. Rocco, 1999.

- BOMFIM, Alexandre Maia do.; PICCOLO, Fernanda Delvalhas. Educação ambiental crítica: a questão ambiental entre os conceitos de cultura e trabalho. **Revista Eletrônica Mestrado Educação Ambiental**. ISSN 1517-1256, v. 27, 2011.
- BOOKCHIN, Murray. Um Manifesto Ecológico: O Poder de Destruir - O Poder de Criar (s/d). Texto disponível em <http://www.midiaindependente.org/pt/red/2003/01/44850.shtml> acessado em 13/05/2016.
- CARVALHO, Vilson Sérgio de. **Educação ambiental urbana**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2008.
- DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 2000. UNICAMP: Programa de Pós-Graduação em Educação - Tese (doutorado). 234p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1990.
- GUIMARÃES, Mauro. Educação ambiental crítica. **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, p. 25-34, 2004.
- LAYRARGUES, Philippe Pomier. Educação para a gestão ambiental: a cidadania no enfrentamento político dos conflitos socioambientais. **Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate**. São Paulo: Cortez, p. 87-155, 2000.
- LEFF, Enrique. Construindo a história ambiental da América Latina. **Esboços-Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC**, v. 12, n. 13, p. 11-29, 2007.
- MARIN, Andreia Aparecida. Ética, estética e educação ambiental. **Revista de Educação PUC-Campinas**, n. 22, 2012.
- MORAIS, Marcelo Loura. O processo de reestruturação territorial-produtiva em curso na Baixada Fluminense. **II Simpósio de Estudos Urbanos: a dinâmica das cidades e a produção do espaço**, 2013.
- SANTOS, Milton. 1992: a redescoberta da Natureza. **Estudos Avançados**, v. 6, n. 14, p. 95-106, 1992.
- SIMÕES, Manoel Ricardo. **A cidade estilhaçada: Reestruturação econômica e Emancipações Municipais na Baixada Fluminense**. 2006. UFF: Programa de Pós Graduação em Geografia - Tese (doutorado). 292p.
- TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Educação Ambiental, Natureza, Razão e História**. – Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

*Submetido em: 10-10-2017.
Publicado em: 15-12-2017.*